



ECOSSISTEMAS ESTÉTICOS

Afonso Medeiros. PPGARTES/ICA/UFPA
Lucia Pimentel. PPGARTES/EBA/UFMG

Pela primeira vez em sua trajetória, a ANPAP realiza um encontro nacional no Norte do Brasil. Esse ineditismo constitui um sintoma, na medida mesmo em que a Amazônia – esta região que já foi chamada de “inferno”, de “paraíso” e de “eldorado” – se constitui, para alguns, a última fronteira a ser explorada e, para outros, um sacrário a ser preservado a qualquer custo. Para algumas visualidades, a Amazônia é a própria encarnação do último paraíso perdido; para outras, ao contrário, é o “inferno verde”, quente e avesso à civilização eurocêntrica. Visões paradoxais, sem dúvida, mas nem por isso opostas e excludentes. Desde já digamos que a Amazônia não é o território do “ou” que exclui, mas do “e” que conecta e superpõe.

A Amazônia é, sim, um espaço plausível tanto para o imaginário paradisíaco quanto para o bestiário infernal. É propício aos extremos que se confrontam e que se deglutem mutuamente em múltiplos e sucessivos rituais antropofágicos. É zona de cobiça e morte, mas também de desdém e abandono; dá margens para o espanto diante do desconhecido, mas também para o encantamento perante o inefável. Tem uma cosmologia peculiar e uma cronologia que não se coaduna com o calendário. Por aqui, os ponteiros quase nunca se acertam.

É o lugar das infinitudes das águas doces que vão se mesclando para precipitarem-se nos salgados atlânticos; das imensidões das florestas que ainda abrigam uma infinidade de seres misteriosos e não catalogados pelo *homo sapiens*; e dos céus sempre densos, carregados de umidade, pois que aqui a água é dádiva tanto da terra como do céu. Por causa de todas essas aparentes disparidades, a Amazônia é o ambiente propício para os seres anfíbios, para os entes que se movem em variados ambientes, para os

híbridos, os mestiços, os impuros e os pecadores, ou seja, para todos aqueles que têm o degredo como sina.

A Amazônia é também passagem e trânsito, pois que, segundo as arqueologias e as antropologias, é o berço da nossa ancestralidade brasileira na medida em que os humanos, em sua eterna itinerância, passaram primeiro por aqui para depois dar nos sertões, nos cerrados, nos charcos, nas tijucas e nos pampas. Nós estamos aqui há, pelo menos, quinze mil anos e não há motivo para abirmos mão do orgulho que essa progenitura cultural nos propicia.

Um viajante contumaz como Mário de Andrade assim definiu a Amazônia, em carta (1927) à Manuel Bandeira:

“Quanto a este mundo de águas, é o que não se imagina. A gente pode ler toda a literatura provocada por ele e ver todas as fotografias que ele revelou; se não viu, não pode perceber o que é. [...] Tem uma variedade prodigiosa se a gente põe reparo nela. E se não põe e se deixa prender por ela, então é uma gostosura niilisante como não se pode imaginar outra; é sublime.”

Numa dessas transamazônicas, Mário de Andrade aportou em Belém – nesta mesma Belém que ora abriga os anapianos e os congressistas deste vigésimo segundo encontro, embora, certamente, tenha visto e vivido uma Belém da qual atualmente só podemos identificar os resíduos. Logo percebeu que esta cidade descende da prevaricação entre autóctones e alienígenas; que é mestiça, sensual, ecumênica, abrigo de desmesurados. Naquela mesma carta a Manuel, Mário ainda se manifesta, dizendo:

“Porém, me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim. [...] Olha que tenho visto bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Outro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas. [...] Porém Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra! Não tenho medo de parecer anormal pra você, por isso que conto esta confissão

esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim.”

É essa sensualidade desbragada de Belém e aquela “variedade prodigiosa” do cenário amazônico que Mário de Andrade vislumbrou há exatos 85 anos que inspiram o tema deste encontro: Ecossistemas Estéticos.

Considerando-se o estatuto da arte e da imagem na atualidade, a ambiência parece ser a da diversidade, seja de processos, de técnicas ou de conceitos. Alguns autores, como Gilles Deleuze, Félix Guattari (1992) e Josep Domènech (2011), sugerem a percepção das artes e das imagens numa relação de interdependência e intervenção entre estas e os demais universos da cultura humana e, por isso, não deixam de recorrer às ideias de ecologia e/ou meio ambiente que, conseqüentemente, podem ser estendidas às concepções de prevaricação, contaminação, adaptabilidade, sobrevivência, parasitismo, sustentabilidade, afinidade, canibalismo, relação, mestiçagem, sincretismo, barganha, enfrentamento, permeabilidade, remanejamento e reprodutibilidade, dentre outras.

Todas aquelas ideias e estas concepções podem ser enfeixadas e ressignificadas no conceito de *ecossistema*, visto que este subentende o caráter de interdependência dos organismos vivos que fazem parte de um dado universo, revendo a noção mecanicista de sujeito e objeto na medida em que as relações são sempre entre agentes, isto é, interagentes em prol da (sobre)vivência de cada um e do equilíbrio do todo, mesmo que precário e em constante construção.

A alteração causada por um único organismo obriga a reconfigurações e readaptações do sistema inteiro, com benesses e malefícios para todos, independentemente da posição de cada um na teia evolutiva. Uma mudança quase imperceptível no modo de conceber e fazer arte, por exemplo, pode ocasionar um redimensionamento paulatino da cadeia produtiva e conseqüentemente alterar significativamente sua história, sua filosofia, sua sociologia, sua antropologia, sua psicologia, sua economia, sua

comunicação, seu ensino e sua aprendizagem. Para além das mudanças, adaptações, ajustes e negociações que ocorrem intra-sistemicamente, pode-se afirmar que as artes visuais e as imagens são organismos vivos que interferem no todo da esfera cultural e sofrem interferências dos demais organismos e sistemas que compõem esse território.

Estamos propondo neste encontro de Belém não apenas conceber a arte em rede com outros elementos da cultura ou a partir de uma mera contextualização mais ou menos abrangente, mas de conceber a arte como elemento dependente dessa rede; como elemento alimentício e, ao mesmo tempo, componente devorador nessa tessitura sistêmica. Essa perspectiva, talvez, nos permita refletir sobre os muitos modos camaleônicos do ser e do estar das artes visuais em seu campo ampliado – ou emancipado, como querem alguns.

Que reflexões são pertinentes ao sistema artístico-estético diante do sistema industrial-tecnológico? Entre a sociedade do conhecimento, a sociedade do consumo e a sociedade do espetáculo, onde e de que forma se situam os ecossistemas poéticos? Quais os modos de instituição, existência e sobrevivência dos circuitos (institucionalizados ou não) das artes? Que tipo de coisa eles alimentam e por que tipo de coisa são sustentados? Nas múltiplas e diversas relações que as artes visuais mantêm com outros saberes e fazeres, o que elas ganham? O que elas perdem? O que elas acrescentam? O que elas subtraem?

Correndo o risco que toda generalização comporta, pode-se tomar o próprio sistema escolar e/ou acadêmico no qual a maioria de nós está inserida como exemplo, na medida em que ele parece (ou deveria) ser um sistema ecologicamente privilegiado para o nascimento e o cultivo dos muitos atores que atuam no campo da arte, da concepção à interpretação. Sabemos que os universos da arte são os universos das criações, embora estas não lhe sejam de usufruto exclusivo. A criação, antes de mais nada, é uma refutação ou readaptação de padrões estabelecidos, enquanto a escola, em todos os seus níveis, padroniza procedimentos, métodos, práticas, visões, sujeitos e objetos – a escola é, por assim dizer, uma espécie de laboratório

para o cárcere, uma experimentação penitenciária. Ora, um ambiente inóspito para a criatividade como esse oferece um altíssimo grau de insalubridade para as práticas e para as reflexões artístico-estéticas. Consequentemente, as artes no ambiente escolar (do maternal à pós-graduação) estariam fadadas à extinção ou, no mínimo, a um raquitismo endêmico. Entretanto, as fricções e os enfrentamentos a que as artes estão expostas nesse contexto obrigam ao desenvolvimento de capacidades adaptativas extraordinárias para contaminarem e serem contaminadas, corroerem e serem corroídas, de modo que, no longo prazo, novas e profícuas relações sejam estabelecidas. Da mesma maneira, isso pode ser espreado para muitos outros ecossistemas: o científico, o social, o econômico, o comunicativo etc.

Ecossistemas são produtos de uma longa, lenta, laboriosa e delicada maturação que nunca está finalizada. *Ecossistemas estéticos* podem ser pensados como processos; dinâmicas; mobilidades; equilíbrios precários; organicidades tênues; inteligências em constante estado de adaptabilidade; conluios do aleatório com o intencional; demo/grafias artístico-estéticas; ecoestéticas.

Ecossistemas estéticos, enquanto tema deste vigésimo segundo encontro da ANPAP, talvez ainda não esteja encarnado num conceito inteiramente desenvolvido. Mas, como prática já plenamente verificável em diversos modos poéticos, constitui-se uma provocação ou, antes, um convite à reflexão sobre as configurações da herança genética das artes em permanente confronto e interação com o (meio) ambiente, numa barganha que nos obriga a ressignificar não só as condições contextuais da atualidade, mas sobretudo reconfigurar essa mesma herança genética. O estudo das partes é necessário, mas insuficiente. Só os vislumbres das relações e das mutualidades conseguem dar conta da vida dos organismos em toda a sua complexidade. A visão do todo sempre foi (e é) o grande desafio.

É esta abordagem que propomos (re)dimensionar juntos neste encontro caudaloso amazônico da ANPAP, pensando os organismos artístico-estéticos em profunda e vital simbiose com a galáctica caoticidade de outros organismos que constituem a esfera da cultura.

Se é de heranças genéticas, simbioses, adaptabilidades, interdependências e mutações que estamos falando, então não podemos deixar de mencionar aqueles que permanecem transmutados nos ecossistemas da ANPAP, pela maneira elegante e generosa de contribuírem com a pesquisa em Artes Plásticas/Visuais.

Walter Zanini, em sua perene juventude, incitou a Jovem Arte Contemporânea a realizar experimentos. Entre videoartes e cartões postais, nos lembrou que “eles se comportam em níveis operacionais completamente distintos daqueles que identificam a obra única, inserida nos contextos da cotação de mercado”, pelas virtualidades que oferecem à atividade do produtor na percepção da realidade enquanto fenômeno auto-expressivo e/ou social.

Anna Barros fez da luz matéria de arte. Da transparência à desmaterialização, seu interesse pelo detalhe poético ia além do que vemos como imagem, para o espaço do que podemos pensar imagens. A luz – fenômeno sujeito e objeto – acompanhou-a em dias tranquilos e outros não tanto. E é pela luz que ela nos remete à intrincada rede da pesquisa em Arte.

Agora, com Dulcimira Capisani, Adalice Araújo e Cristina Pessi, Walter Zanini e Anna Barros certamente estão fecundando outras instancias da arte, dadas as inscrições genéticas que nos legaram – inscrições estas que nos provocam a trans-sensibilidade dos muito queridos que não estão mais entre nós, mas que se fazem presente através de traços, de palavras e de imagens.

O vigésimo segundo encontro é dedicado a todos estes anpapianos que nos precederam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário e BANDEIRA, Manuel. **Correspondência**. São Paulo: Edusp; IEB, 2000.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DOMENÈCH, Josep M. Catalá. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.

Afonso Medeiros

Professor Associado da UFPA e atua no Programa de Pós-Graduação em Artes e na Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte dessa mesma instituição. Autor de *O imaginário do corpo entre o erótico e o obscuro* (2008) e *A arte em seu labirinto* (2012), nasceu e vive em Belém e sobrevive como canoieiro, caminhoneiro e aviador.

Lucia Gouvêa Pimentel

Professora Titular da Escola de Belas Artes da UFMG, membro do Conselho Mundial da InSEA, Vice-Presidente da ANPAP, Conselheira do Instituto Arte das Américas, membro da Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB), da Associação Mineira de Arte Educadores (AMARTE). É líder do Grupo de Pesquisas *Ensino da Arte e Tecnologias Contemporâneas* e atua como artista, professora e pesquisadora.